



**PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE
CENTRO DE CONTROLE DE ZOOSE**

LEISHMANIOSE VISCERAL

O que é?

A Leishmaniose Visceral (LV), doença de notificação compulsória, apresenta maior gravidade que a Leishmaniose Tegumentar e caracteriza-se por ser zoonose de evolução crônica, com acometimento sistêmico que, se não tratada, pode levar ao óbito até 90% dos casos.

O agente etiológico causador da LV, popularmente conhecida como Calazar, é o protozoário *Leishmania (Leishmania) chagasi infantum*.

Como se contrai a doença?

A Leishmaniose Visceral era considerada uma doença de caráter eminentemente rural. Contudo, essa zoonose vem se expandindo para áreas urbanas de médio e grande porte e se tornou crescente problema de saúde pública no país e em outras áreas do continente americano, sendo uma endemia em franca expansão geográfica.

Vetores. Assim como a LTA, a transmissão da LV ocorre mediante picada de flebotomíneos (“mosquito palha”). No Brasil duas espécies, até o momento, estão relacionadas com a transmissão da doença, *Lutzomyia longipalpis* e *Lutzomyia cruzi*. Contudo, estudos recentes comprovam que outras espécies de flebotomíneos também podem transmitir a LV.

Reservatórios. Na área urbana, o cão é a principal fonte de infecção, sendo considerado um importante reservatório. A enzootia canina tem precedido a ocorrência de casos humanos. No ambiente silvestre, os reservatórios são as raposas e os gambás. Os flebotomíneos ao picarem estes animais tornam-se aptos a transmitirem a doença ao homem e a outros animais.

Não existem relatos de transmissão inter-humana no Brasil.



**PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE
CENTRO DE CONTROLE DE ZOOSESES**

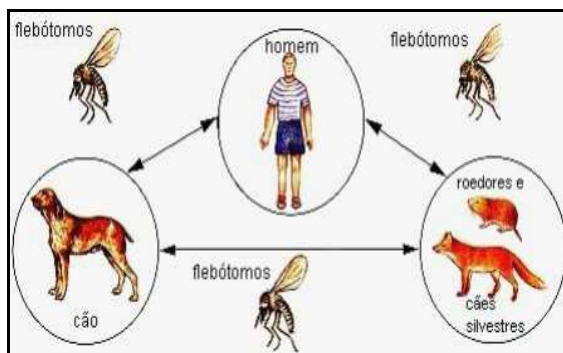


Figura 1. Ciclo de transmissão da Leishmaniose Visceral.

Fonte: Ministério da Saúde.

Quais os sintomas?

→ **Ser humano.** Apresenta-se como uma doença crônica e sistêmica, caracterizada por febre de longa duração, perda de peso, fraqueza muscular, anemia, icterícia, diarreia, vômitos, esplenomegalia (aumento do baço), hepatomegalia (aumento do fígado), dentre outras manifestações clínicas. Geralmente, o desenvolvimento da enfermidade está relacionado à imunidade do indivíduo.

→ **Cão.** Nem sempre o cão com leishmaniose visceral apresenta sintomas aparentes. Quando há sintomatologia clínica, o animal pode apresentar emagrecimento, queda de pelos na região dos olhos e orelhas, às vezes acompanhada de sangramento, ceratoconjuntivite, lesões de pele, crescimento e deformação das unhas e na fase final da doença ocorre paralisia de membros posteriores, desnutrição e óbito.



Figura 2 Cão com sintomas de Leishmaniose Visceral.

Fonte: Ministério da Saúde.



**PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE
CENTRO DE CONTROLE DE ZOOSESES**

Como se prevenir?

- Evitar próximo a residências a criação de animais de produção, como por exemplo, galinhas, suínos, bovinos, eqüinos, caprinos, ovinos, entre outros, uma vez que as fezes desses animais favorecem a proliferação do vetor;
- Adotar a posse responsável do animal, não permitindo que fique solto nas ruas, pois o cão desloca-se por dentro da mata e pelas trilhas, podendo ser picado pelo flebotomíneo;
- Levar periodicamente o cão ao médico veterinário para monitoramento da saúde do animal;
- Execução de medidas de proteção individual nas áreas endêmicas, tais como: uso de mosquiteiros, instalação de telas milimetradas em portas e janelas, aplicação de repelentes e uso de vestuário adequado toda vez que for realizar atividade profissional ou de lazer, em matas ou florestas;
- Dar destino adequado ao lixo, evitando a atração de animais (roedores e marsupiais) no domicílio e peridomicílio;
- Realizar a limpeza dos abrigos dos animais domésticos, evitando assim o acúmulo de sujidades no ambiente e o possível surgimento de vetores.

Onde buscar ajuda?

Caso o seu cão apresente sintomas sugestivos de Leishmaniose Visceral, levar o animal ao médico veterinário, que é o profissional habilitado para realizar o diagnóstico adequado.

Dúvidas?

Entre em contato com o Centro de Controle de Zoonoses (CCZ) de sua cidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Boletim Eletrônico Epidemiológico**. Situação Epidemiológica das Zoonoses de Interesse para a Saúde Pública. Ano 10. N. 2. Brasília, DF. 2010.

_____. **Doenças e Vetores**. FIOCRUZ. Disponível em <http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/doen%C3%A7as-e-vetores>. Acesso em 13 maio de 2013.



**PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE
CENTRO DE CONTROLE DE ZOOSE**

_____. **Estudo da prevalência e perfis de infecção por *Leishmania sp.* em mamíferos silvestres e sinantrópicos na localidade Canto dos Araçás, município de Florianópolis/SC.** Fundação Oswaldo Cruz. Laboratório de Referência em Taxonomia e Diagnóstico de Reservatórios Silvestres das Leishmanioses.. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2010. 25p. Relatório Técnico-Científico.

_____. **Manual de Vigilância e Controle da Leishmaniose Visceral.** Ministério da Saúde. Brasília, DF. Editora MS, 2006.

_____. **Portal da Saúde.** Vigilância em Saúde. Vigilância de A a Z. Disponível em <http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/index.cfm?portal=pagina.visualizarTexto&codConteudo=4539&codModuloArea=783&chamada=vigilancia-de-a-a-z>. Acesso em 30 de maio de 2013.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL & PREVENTION. Parasites & Health. Disponível em <http://www.cdc.gov/parasites/>. Acesso em 01 jun. 2013.

CENTRO DE CONTROLE DE ZOOSE DE FLORIANÓPOLIS. Zoonoses, Doenças Transmitidas por Vetores e Agravos à Saúde. Material técnico elaborado pelos profissionais que atuam no Centro de Controle de Zoonoses de Florianópolis. 2012.

CORRÊA, G.L.B., INDÁ, F.M.C., OTA, E.T.S., et. al. Inquérito Canino Censitário de Leishmaniose Visceral no Município de Florianópolis-SC, em 2010. Florianópolis, SC. 2011.

FIGUEIREDO, F.B.; LIMA JÚNIOR, F.E.F., INDÁ, F.M.C., et. al.. Leishmaniose Visceral Canina: Dois Casos Autóctones no Município de Florianópolis, Estado de Santa Catarina. Acta Scientiae Veterinariae, 2012. 40(1): 1026.

VASCONCELLOS, S. A. Zoonoses e Saúde Pública: Riscos Causados por Animais Exóticos. Biológico. São Paulo, v.63, n.1/2, p.63-65. 2001.